

ROSAS NO CAMINHO

Pensamentos sobre os Ensinamentos místicos e o conceito de Kant acerca da Ética e da Moral

Lúcia Reixa

2017



Caminho sob Rosas Trelças
Claude Monet
1924

“Rosas no Caminho” - Pensamentos sobre os Ensinamentos místicos e o conceito de Kant acerca da Ética e da Moral, por Lúcia Reixa, membro da Fraternidade Rosacruz, é dedicado a Max Heindel, num humilde tributo com profunda gratidão pelos seus valiosos ensinamentos.

“Duas coisas enchem o ânimo de admiração e veneração sempre novas e crescentes, quanto mais frequentemente e com maior assiduidade delas se ocupa a reflexão: O céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim. Ambas essas coisas não tenho necessidade de buscá-las e simplesmente supô-las como se fossem envoltas de obscuridade ou se encontrassem no domínio do transcendente, fora do meu horizonte; vejo-as diante de mim, coadunando-as de imediato com a consciência de minha existência.”

Immanuel Kant, Crítica da Razão Prática.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho relaciona a Teoria da Moral deontológica de Kant com a Filosofia Rosacruz. Considera-se que a Ética de Kant é deontológica porque defende que o valor moral de uma acção está na sua intenção e não nas suas consequências.

Para Kant, lei moral é uma lei da nossa consciência racional, que requer um absoluto respeito pelo dever, pelo cumprimento de certas normas, como não matar, não roubar e não mentir.

O que determina se uma acção é protagonizada pelo dever é a sua intenção, que tem valor moral, quando o propósito do autor é o dever pelo dever.

De acordo com Kant, a lei moral tem um carácter formal porque indica como é certo cumprir o dever. Para ele existe um princípio supremo da moralidade, o Imperativo categórico, um imperativo que define o que são os deveres morais.

Ele propõe duas questões equivalentes que nós temos que fazer a nós mesmos sempre que decidimos agir:

Posso racionalmente desejar que todos atuem como eu proponho agir? Se a resposta for não, então não devemos levar à prática a acção.

A minha acção respeita os objetivos dos seres humanos, e não os usa apenas como meio para atingir os meus propósitos? Novamente, se a resposta for não, então não devemos levar a acção à prática.

Para a Filosofia Rosacruz acções contrárias ao dever, como matar, roubar ou mentir, geram dívidas que têm que ser pagas nesta ou noutras vidas.

Todavia, a partir do momento que o ser humano responde tão só ao imperativo do dever, o imperativo categórico, libertar-se-á do karma ou da lei de causa e efeito (Lei de Consequência).

A. D.

ROSAS NO CAMINHO

Pensamentos sobre os Ensinamentos místicos e o conceito de Kant acerca da Ética e da Moral

Encontrei um probacionista no Caminho, e falámos sobre os Ensinamentos e sobre muitas outras coisas, chegando a um novo entendimento, novos pensamentos, apesar de, na verdade, focarmos a nossa atenção sempre nos Antigos Mistérios e nos Ensinamentos, estes, por sua vez, perfeitos.

Quando olho para trás e penso sobre isso agora, sinto que muitas destas ideias devem ser escritas, colocadas no papel, com o firme propósito de serem partilhadas com outros estudantes que percorrem o Caminho.

Acredito que o conhecimento pode ser escrito no papel e transmitido a outros sem que se perca muita da sua riqueza...

Um dos mais interessantes pontos de vista nestas conversas, era quando me falava sobre o conceito de Imperativo categórico (no original em alemão, *Kategorischer Imperativ*), o conceito filosófico central na Filosofia da Moral deontológica de Immanuel Kant e na conexão entre este conceito e algumas acções práticas e exercícios levados à prática pelos aspirantes.

Os Ensinamentos de Max Heindel sustentam que cada um deve ser bom, e que o amor altruísta e o serviço são a coisa mais importante na Senda Rosacruz. Ora isto é exatamente agir de acordo com o próprio conceito de Imperativo categórico... Antes de avançar, no entanto, será importante pensar acerca deste conceito em si mesmo, que foi introduzido por Kant em 1785, na sua obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes", (original em alemão, *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*) e que se define como uma via para a avaliação das motivações para a acção.

Immanuel Kant, (nascido em 22 de Abril, 1724, Königsberg, falecido em 12 de Fevereiro, 1804, Königsberg), foi um filósofo prussiano, cujos trabalhos, numa abordagem compreensiva e sistemática da epistemologia, ética, e estética, influenciaram fortemente todas as correntes filosóficas subsequentes.

Kant foi um dos maiores pensadores do Iluminismo, um movimento intelectual europeu do final do séc. XVII e início do séc. XVIII, que colocava a tónica na Razão e no individuo mais por oposição à tradição. Em Kant encontramos novos caminhos do pensamento filosófico, que começaram com o empirismo de Francis Bacon e o racionalismo de Descartes. Kant inaugura uma nova era no desenvolvimento do pensamento filosófico.

A concepção original da sua própria filosofia crítica antecipou uma nova era de uma crítica da Filosofia da moral. A "Crítica da Razão Prática" (1788) é a obra standard das doutrinas éticas de Kant. O seu trabalho anterior, "Fundamentação da Metafísica dos Costumes" (1785), é uma versão mais curta e que permite uma melhor compreensão e leitura acerca do mesmo tema. Ambas diferem de outro dos seus trabalhos, "A Metafísica da Moral" (1797), uma vez que tratam da ética pura e tentam iluminar e elucidar os princípios básicos subjacentes à doutrina. A "A Metafísica da Moral", por outro lado, preocupa-se com a aplicação destes princípios na prática, no concreto, um processo que envolve considerar as Virtudes e os Vícios, e a fundação da lei e da política.

Na Dialética, Kant vai buscar as ideias anteriores de Deus, liberdade e imortalidade.

Tendo prescindido deles na primeira "Crítica", enquanto objetos que nunca podem ser conhecidos porque transcendem a experiência humana sentida, ou seja transcendem a experiência humana vivenciada sensorialmente, Kant iria agora defender que eles são postulados essenciais para a vida moral. Apesar de não atingíveis na metafísica, defende o autor que eles são absolutamente essenciais para uma Filosofia da Moral.

A Razão Prática, tal como a Teórica (Pura), eram para Kant mais formais do que materiais - um enquadramento de princípios formativos, muito mais do que um quadro de regras propriamente ditas. Esta é a razão pela qual ele dá relevo na sua primeira formulação relativa ao Imperativo Categórico: "*Age unicamente sob a máxima através da qual podes em simultâneo desejar que se torne uma lei universal*". Apesar disso, esta sua formulação é uma constatação puramente formal ou lógica e expressa a condição de racionalidade da conduta, bem mais do que a moralidade da mesma; esta última, a moral, expressa-se numa outra formula de Kant: "*Então age para com a humanidade, seja contigo mesmo, seja com outra pessoa, sempre como um fim em si mesmo e nunca apenas como um meio.*"

Kant defendia que existia apenas um Imperativo Categórico, que formulou de diversas maneiras.

Ele contrasta o Imperativo categórico, que existe em si mesmo como sendo incondicional e absoluto, com os Imperativos hipotéticos, que são válidos apenas em presença de um objetivo pessoal ou desejo,

por exemplo: "Se queres ter boa reputação, não mintas".

Faltando um insight na questão essencial do âmago da moral, o ser humano apenas pode questionar-se acerca do que está a propor fazer, e se tal se insere no carácter formal da lei - nomeadamente o carácter de ser exatamente o mesmo que se exige para todos em similar circunstância (Lei universal).

O **Imperativo Categórico** no conceito de ética do filósofo prussiano do séc. XVIII, Kant, é sobre a lei moral que é incondicional ou absoluta para todos os agentes; a validade da mesma não depende por isso de nenhum motivo que se relacione com ganho pessoal ou objetivo a ser conquistado posteriormente, o fim último. "Não roubes.", por exemplo, é categoricamente diferente e distinto dos imperativos hipotéticos associados ao desejo, como por exemplo: "Não roubes senão queres ir para a prisão", ou, "Não roubes se queres que as pessoas confiem em ti".

Devemos todos estar alerta acerca disto, e devemos reger os nossos atos e a nós mesmos na vida de acordo com o Imperativo Categórico - moralidade interna. Como estudantes, aspirantes, na senda Rosacruz, devemos prestar atenção e considerar quais as verdadeiras motivações e razões que nos levam a praticar alguns exercícios ou levar à prática determinada ação.

Estaremos nós a agir como aqueles que não roubam porque tal é algo errado, sem mais (Imperativo Categórico)?... Ou estaremos a agir da outra forma?...

Estaremos nós a agir como aqueles que não roubam com o objetivo de serem considerados como sendo de confiança (Imperativos categóricos) ?...

Se for este o caso, estaremos certamente a fazer as acções correctas mas apenas para alcançar algo que é sempre um ganho pessoal, ainda que seja um ganho espiritual, e isso não é correcto na verdade, não pela acção, esta correcta, mas sua real motivação, esta egoísta ainda que sem que tal se note a não ser com uma clara análise de nós mesmos e dos nossos actos.

Devemos colocar como prioridades únicas o altruísmo e o serviço em toda a acção que levamos a cabo (Imperativo categórico).

Os exercícios rosacruz são preciosas dádivas para os aspirantes, mas eles devem sempre ser executados em devoção sincera e espírito missionário, altruísta, e não com o propósito de alcançar alguma forma de ganho, nem sequer o ganho espiritual por si só (Imperativos hipotéticos).

Mesmo sendo verdade que ganhamos certamente ao fazermos os designados exercícios, e de facto ganhamos muito, espiritualmente, neste processo, mesmo sabendo que tal ganho é uma verdade inequívoca, devemos fazer os exercícios como um bem em si mesmo, com o valor moral interno que tem a sua realização, e não com o objetivo de tais exercícios serem o meio para alcançarmos ganhos pessoais. Devem ser tidos como o bem em si mesmo, e não o meio para atingir o fim. São eles portanto o fim em si mesmo, valendo por aquilo que representam e significam, como uma obrigação, um dever, um valor moral interno (Imperativo categórico).

Um dos exercícios rosacruz ensinados por Heindel, descritos na sua obra de base para toda a filosofia da Fraternidade Rosacruz, o "Conceito Rosacruz do Cosmo", e que faz parte do treino esotérico, é a Retrospecção. A Retrospecção é o mais importante exercício do treino esotérico, e tem inestimável valor; é o exercício nocturno, diário, e é mais eficaz do que qualquer outro método no avanço e evolução do aspirante no Caminho. No entanto, esta não deve ser a razão em si mesma pela qual fazemos este exercício. O aspirante revê a sua atitude e conduta moral durante este exercício, relativamente a cada cena vivenciada no seu dia. Nesta revisão do panorama do dia que termina nesse momento, ele poderá também pensar em coisas tais como se às refeições comeu para viver, ou, pelo contrário, se viveu para comer...

Pretende-se que cada aspirante se julgue a si mesmo, e assuma culpa e arrependimento onde deve assumir, e valorize e congratule-se onde tiver mérito. O valor da Restrospecção é imenso e inigualável:

- Efetuamos o trabalho de restauração da harmonia conscientemente, e isso num menor espaço de tempo do que o pode fazer o corpo de desejos durante o sono, deixando assim um largo espaço da noite disponível para o trabalho fora do corpo.

- Vivenciamos o Purgatório e o Primeiro Céu todas as noites e em cada uma delas, e construímos o correcto sentimento no espírito, a essência de cada experiência do dia; extraímos a essência das várias experiências de cada dia que cessa, aquelas que verdadeiramente servem e alcançam o propósito de crescimento da alma.

Os nossos pecados são expiados, as nossas auras começam a brilhar, e atraímos a atenção do Mestre. Mas também isto só acontece quando o aspirante está preparado, e tal significa que ele é abnegado, que age de acordo com o "puro agir", *Actus Purus*, e isto é precisamente, e mais uma vez, a essência do Imperativo categórico. Nunca um acto para atingir um ganho pessoal, ainda que espiritual, mas abnegadamente, missão serviço desinteressado, acção apenas pelo dever em si mesmo, um dever interno do eu para consigo próprio e para com os outros, obedecendo apenas e tão só a uma moral interna, um dever, que é válido em si mesmo por aquilo que é - o fim em si mesmo é o valor moral

puro.

Este é na verdade o mais profundo significado e a palavra chave no Caminho Rosacruz, na Senda, Abnegação e dever moral interno, Serviço. Isto é na verdade a única coisa que importa realmente a todos os caminhantes. Como Max Heindel afirmou:

"(...) *Será de estranhar que o povo considerasse difícil realizar este elevado ideal de agir bem continuamente, ainda mais complicado pelo facto de ter que abandonar o egoísmo? Pede-se-lhe sacrifício sem uma garantia positiva de recompensa.*"

(Max Heindel, in *Conceito Rosacruz do Cosmo*, Cap. XV, Cristo e a Sua Missão, A Evolução da Religião).

De facto, unicamente os puros verão a Deus.

Outro exemplo para o qual devemos olhar, é acerca do Probacionismo. Após dois anos concluídos como estudante regular da Fraternidade, todo aquele que o deseje, e que se abstenha de comer animais, consumir tabaco, utilizar drogas que induzam a estados alterados de consciência e bebidas alcoólicas, pode solicitar o Probacionismo junto da sede da Fraternidade Rosacruz, em Monte Ecclesia, Oceanside.

Mais uma vez o ponto importante aqui é: mudámos hábitos apenas devido a um objetivo pessoal, neste caso, o de ser Probacionista?... Ou ainda, mudamos hábitos apenas por questões de saúde, que embora importantes, são um ganho pessoal que não deveria ser o centro da nossa mudança, e sim uma consequência positiva da mesma?...

Se a resposta quando nos questionamos for um destes casos, ou mesmo ambos, então estaremos a falar de Imperativos hipotéticos... Estamos pois apenas a fazer algo de bom e correcto para atingir um objetivo pessoal. É uma conduta correcta, de acordo e conforme a moralidade. Mas não é a moralidade em si mesma, a Moral interna (Imperativo Categórico).

A Moral interna, o Imperativo Categórico

No livro *Princípios Ocultos de Saúde e Cura*, de Max Heindel, ele explica, em determinado ponto do capítulo X, as razões para uma dieta vegetariana, os motivos para esta escolha, donde salientamos aqui o seguinte:

"(...) *Não existe outra vida no Universo além da vida de Deus; e "nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser". Sua Vida anima tudo que existe e por isso é fácil de compreender que quando tiramos a vida estamos destruindo uma forma de vida que foi criada por Deus para Sua manifestação. Os animais inferiores são Espíritos em evolução e têm sensibilidade. Seu desejo de experiência é que os faz construir suas várias formas; e quando as destruimos, privámo-los da oportunidade de obter essa experiência. Retardamos sua evolução em vez de ajudá-lo e chegará o dia em que sentiremos profunda repugnância ante o pensamento de converter nossos estômagos em cemitério de cadáveres dos animais assassinados. Todos os verdadeiros cristãos se absterão de comer carne por pura compaixão e compreenderão que toda vida é a Vida de Deus e que é errado causar sofrimento a qualquer ser sensível. (...)*"

Como se lê o que aqui está presente trata da moralidade interna, do Imperativo categórico. Dentre todas as razões possíveis esta é a razão inequívoca que justifica a escolha do vegetarianismo, nomeadamente do vegetarianismo estrito, se tivermos em consideração que o que está correcto é o não sofrimento animal. Heindel não diz que a razão principal é a saúde em si mesma de cada um, nem que o motivo essencial é tornar-se ou ser probacionista. Aquilo que ele de facto afirma, e que está aqui transcrito acima, enfatiza: "(...) *Todos os verdadeiros cristãos se absterão de comer carne por pura compaixão e compreenderão que toda vida é a Vida de Deus e que é errado causar sofrimento a qualquer ser sensível. (...)*"

É, portanto, bastante claro que o aspirante deve agir unicamente de acordo com o Imperativo Categórico, o bem em si mesmo, a Moral interna.

O aspirante não deverá agir devido a uma ou várias razões pessoais. Ainda que os actos sejam os correctos, que façam parte do treino esotérico e se alcance com isso um enorme bem espiritual, como no caso da retrospectão, ou mesmo que seja de facto um acto obrigatório tal como é a adopção de uma dieta pelo menos vegetariana para se poder solicitar o probacionismo, tais não devem ser as razões que movem os aspirantes num determinado sentido. São factos presentes, sem dúvida, condições requeridas sim, mas o aspirante não deve agir apenas em resposta a estas razões ou para conseguir estes ganhos pessoais... Esta é a via errada do pensar e do sentir, o caminho errado que utiliza estes actos correctos como um meio para atingir um fim, ou seja, protagoniza um funcionamento e conduta que se situa ao nível dos Imperativos Hipotéticos.

Aos aspirantes é pedido mais, é-lhes devido mais... Devem agir em pureza, de acordo com a moralidade interna, o bem em si mesmo, a moral interna enquanto o meio e fim únicos, o Imperativo categórico, a Lei universal.

Ao caminhante na senda Rosacruz são esperadas muitas provas, e a rectidão em si mesma, o Actus Purus, o agir de acordo com um dever moral inequívoco, respondendo tão somente a uma moralidade interna, ao nível do Imperativo Categórico, é o que é requerido ao aspirante. Assim é ao longo de todo

o Caminho.

Podemos ainda ler na mesma obra de Heindel, *Princípios Ocultos de Saúde e Cura* uma outra coisa muitíssimo importante também e a ter em consideração:

"(...) Há um significado esotérico no que seja alimentar a multidão com peixe; mas se nos limitamos ao ponto de vista estritamente material, podemos resumir tudo que dissemos reiterando que chegará o tempo em que nos será impossível comer carne ou peixe, da mesma maneira que já passamos da etapa do canibalismo.

Sejam quais forem as tolerâncias que se tenham permitido no bárbaro passado, todas elas desaparecerão no futuro altruísta, quando uma sensibilidade mais refinada despertará em nós um sentido mais profundo dos horrores que implicam na gratificação dos nossos gostos carnívoros. (...)"

Mais uma vez lemos que no futuro altruísta, quando sensibilidades mais refinadas permitam um despertar para uma renovada consciência, não mais iremos tolerar a crueldade animal nem qualquer forma de abuso e escravatura da Onda de vida Animal.

Esta é a razão principal para a adopção de uma dieta vegetariana, de acordo com o próprio Max Heindel. Se nos esquecermos disto, e se adoptarmos, ao longo desta nossa caminhada, uma dieta vegetariana, ou seja que postura e conduta for, apenas em prol do nosso próprio progresso e evolução individual ou quaisquer outros objetivos pessoais, estaremos errados. Talvez o Mestre nunca chegue até nós ou mesmo nos deixe se cometermos este tipo de erros...

Ainda assim, saliente-se que, e mais uma vez, não é esta a questão, não pode ser este o ponto ou foco da nossa conduta, se assim fosse estaríamos de novo a responder em comportamento e atitude aos Imperativos hipotéticos, e este, tal como mencionado ao longo deste trabalho, não é o caminho correcto. Assim, deve o aspirante ou a aspirante manter o foco da sua atenção ao longo do caminho, tendo em consideração e como guia de conduta agir sempre de acordo com o Imperativo Categórico, a Moral interna, o dever intrínseco e inequívoco, inabalável; na vida profana, tal como no caminho Rosacruz, esta deve ser a base essencial da nossa conduta, fazer o que deve ser feito porque não pode deixar de ser assim, o meio é o fim em si mesmo, sem qualquer intenção de ganho pessoal, ainda que ele surja, e naturalmente que surgirá, em consequência das acções correctas, do Actus purus, mas sem que esteja contemplado na motivação para as nossas condutas e acções - apenas o Imperativo categórico, a moral interna nos rege.

Se olharmos com atenção o "*Conceito Rosacruz do Cosmo*" no seu cap. XV, Cristo e a Sua Missão, A Evolução da Religião, por Max Heindel, podemos perceber que, num certo sentido, **a nossa própria evolução é de alguma forma comparável à evolução da própria religião, sobretudo no que diz respeito à substituição gradual dos Imperativos hipotéticos pelo Imperativo Categórico.** De facto, na evolução das religiões, o homem foi impelido primeiro a temer a Deus, e foi-lhe dada a religião de tal natureza que o seu bem-estar espiritual estava assente sob a égide do medo e do temor a um Ser supremo. Depois ele foi induzido a atingir um certo grau de abnegação e sacrifício, através de obrigações provenientes do "fora", como a obrigação em dar parte dos seus bens mais preciosos para sacrifício. Esta abnegação seria assim alcançada num processo conduzido através do "fora", isto é, através dos ditames de um Espírito de Raça, do Guia de Raça ou da Tribo, um "Deus" ciumento e possessivo, autoritário também. Toda esta evolução far-se-ia, portanto de acordo com Imperativos hipotéticos, fossem os actos e condutas praticados para obter recompensas e ganhos, fossem geradas pelo medo e pela punição, o homem alcançava Deus e o Sacrifício através de uma oralidade externa, vinda do "fora", as regras ou mandamentos exteriores. Tal como nos exemplos que citámos anteriormente, tais condutas são da ordem dos Imperativos hipotéticos, tal como os casos mencionados daquele que não rouba porque quer ser tido como alguém de confiança, ou então por medo da punição, ir para a prisão.

De igual modo, podemos fazer a analogia com aqueles que fazem o exercício de Retrospecção com este mesmo sentimento, o sentimento de que devem fazer o exercício porque assim está escrito e tão somente por isso, portanto a partir do "fora", mas sem de facto o sentirem como dever interno, aí sim obedecendo a uma moral interna inequívoca que é responsável e condição necessária para que no exercício se possa sentir verdadeiramente o mal causado ao outro, uma experiência purgatorial; sem esta conduta moral interna, o Imperativo categórico, os aspirantes não podem atingir tal sentimento verdadeiro do mal causado a outrem, não podem portanto ter acesso ao erro, e não dando conta do erro, não podem corrigi-lo, e por consequência produzir e construir o correcto sentimento para o espírito. Por isso é fundamental e tão importante praticar tal exercício obedecendo a uma necessidade já interna, um dever interno, uma moral inequívoca do que está certo a partir do "dentro", do eu interno. Esta necessidade interna, que se rege tão só pelo Imperativo Categórico, faz com que tal exercício produza os frutos desejados, o que se traduz na procura ativa em sermos melhores todos os dias, só porque assim deve ser, porque não pode deixar de ser assim, porque é o nosso dever interno, a moral

interna que o dita, e nunca por procura de reconhecimento, aporte espiritual ou qualquer outro ganho ou objetivo egoísta; melhorar para poder servir, em prol do bem comum e da humanidade, e não em prol de si mesmo.

De igual modo, e também por analogia, incorrem nos mesmos erros todos aqueles que deixam de comer carnes e peixes, apenas para ser probacionista. Mais uma vez o guia de conduta é uma ordem exterior, uma motivação externa que visa um objetivo a ser atingido. Ainda que seja verdade que não podem ser Probacionistas os que não optem por uma dieta vegetariana, (juntamente com as restantes condições que já citámos), se fizermos isto apenas como meio para atingir um fim, onde o meio é "não comer animais" e o fim é "ser probacionista", estamos sempre no plano dos Imperativos hipotéticos de Kant, e isto é um erro. Não comer animais pela defesa desta Onda de Vida, e por sermos contra a crueldade e o sofrimento para com os animais deve ser a razão que nos move, a única verdadeira que é em si mesma o meio e o fim último, tal como Heindel refere na citação que transcrevemos anteriormente neste texto.

É assim que opera o Imperativo Categórico, de facto, e está em plena harmonia com os pressupostos defendidos por Max Heindel quando aborda na obra atrás citada as razões para adoptarmos uma dieta vegetariana, bem como esclarece que devemos evitar muitas outras formas de sofrimento animal, através das nossas opções e condutas de vida, que não só as alimentares. Apesar disto ser verdade, e a meta para todos os aspirantes, lembramos que tal como vimos na Evolução da Religião, anteriormente neste trabalho, e por analogia, alguns podem necessitar ainda de uma moral externa, tal guia de conduta, e podem começar precisamente por aí, tal como não comerem animais para poderem ser probacionistas e manterem tal estatuto.

O que se espera em todos estes casos é que, tal como na Evolução da Religião se espera a conquista da individuação e a união fraterna no futuro, abandonando os Espíritos de Raça e tomando a responsabilidade de cada um como agentes de mudança interna e em simultâneo do Universo de que fazemos parte e influenciámos, também ao nível da evolução individual, todos consigamos atingir a meta de agir pela nossa moral interna, Imperativo categórico, e abandonar a necessidade de um guia de conduta regido pelo fora e abandonar a necessidades de obediência a parâmetros que visam a conquista de ganhos pessoais, tomando as rédeas das nossas condutas, numa posição de moral interna inequívoca, que obedece ao imperativo Categórico, a lei universal, em que o dever interno é a força motriz da acção, o meio e o fim em si mesmo.

Atualmente muitos de nós rosacruzcianos, começamos a "preparar" de certa forma a chegada da Era Aquariana, caminhando nós mesmos no sentido da individuação. Chegará assim o fim das Religiões de Raça e começará a união em Fraternidade, onde nos regemos já não pelo externo, mas por um dever interno, obedecendo à nossa própria consciência, e ao Deus interno, em vez de obedecer às leis externas e a um Guia de Raça, que afinal guiaram os povos quando disso necessitavam para evoluir, mas inevitavelmente conduzindo a segregações e guerras que surgiram como consequências e que não queremos reproduzir no futuro, pois foram apenas a consequência da evolução dos povos, com resultados dramáticos, e não a condição necessária para a evolução, como alguns ainda por vezes confundem.

Resumindo, nestas analogias, o próximo passo para aquele que ainda não o conseguiu fazer, é a obtenção de uma moral interna, Imperativo categórico, tornando-se consciente por exemplo de que a razão para a dieta vegetariana, verdadeiramente é sermos contra a crueldade, sofrimento e abuso da Onda de vida animal.

Da mesma forma, e em síntese, tal como na evolução da religião, o aspirante pode começar o trajeto correcto, porque de acordo com a moralidade e dever, a partir de regras ou "mandamentos" externos, os Imperativos hipotéticos, mesmo nas situações em que se exija uma conduta de abnegação e sacrifício como se mencionou antes. No entanto, o passo final, a meta a conquistar, é sempre a de obter a Moral interna, o Imperativo Categórico, e tomar consciência de que o que deve guiar-nos é tão somente o elevado ideal do "bem fazer", o autossacrifício sem recompensas ou expectativas de qualquer tipo de ganho ou reconhecimento, o amor altruísta, o serviço desinteressado e abnegado, e colocar isto em todas as acções que levamos à prática, por mais pequenas que sejam.

Max Heindel escreveu ainda na sua obra "*Conceito Rosacruz do Cosmo*", Cap. XV, Cristo e a Sua Missão, A Evolução da Religião:

"(...) O grande sacrifício do Calvário, se bem que tenha servido para outros propósitos que serão indicados, converteu-se na âncora de Esperança para todas as almas fervorosas esforçando-se por realizar o impossível: efetuar numa única e curta vida a perfeição exigida pela religião Cristã. (...)"

Esta perfeição, de facto, ergue-se no fundamento essencial de sermos altruístas em todos os passos que

damos ao longo da vida profana, e ao longo da senda, do Caminho Rosacruz.

Agir altruisticamente, com abnegação e serviço desinteressado, é realmente o único Caminho, a única razão que importa verdadeiramente para atos e condutas, é o bem em si mesmo, o meio e o fim, a Moral interna, o Dever, o Imperativo Categórico; sem ganhos pessoais, procura de aporte espiritual egoísta, recompensas ou reconhecimento. Procurar apenas e tão somente realizar a missão que todos os caminhantes têm: Altruísmo e Serviço, Amor Universal e Desapego pessoal.

Em boa verdade é esta a única forma de encontro com o nosso Cristo interno, o Deus interno, que de facto somos e em que nos tornamos.

Tradução e Adaptação para edição exclusiva na Revista Fiat Lux, no seu primeiro número, Setembro/Outubro de 2017, pela autora do trabalho original em inglês, L.R.S., com autorização do editor do site onde foi publicado o trabalho original e dos intervenientes no texto original.

Roses in the Path, Talks and Thoughts About the Mystical Teachings and Kantian Concept on Ethics and Morality, by L.R.S., Foreword by A.D.

E-Book Edited by: FRATERNIDADE ROSACRUZ , Center of Rio de Janeiro , In : www.christianrosenkreuz.org

Referências Bibliográficas

Bibliografia:

HEINDEL, Max, The Rosicrucian Cosmo-Conception, 6th Edition (1912)
Rosicrucian Fellowship, Oceanside, CA.

HEINDEL, Max, Occult Principles of Health and Healing, First edition (1938), Rosicrucian Fellowship, Oceanside, CA.

KANT, Immanuel, Critique of Practical Reason, First edition (1788) Translated by Werner S. Pluhar, Hackett Publishing Company, Inc., Indianapolis/Cambridge.

KANT, Immanuel, Groundwork of the Metaphysics of Morals, First edition (1785), Edited and translated by Allen W., Published with assistance from the Ernst Cassirer Publications Fund. Yale University, Yale University Press, New Haven and London.

Sugestões de leitura adicionais :

HALL, Manly Palmer , Self-Unfoldment by Disciplines of Realization (2014), Philosophical Research Society, USA.

DELLEUZE, Gilles, Kant's Critical Philosophy - The Doctrine of the Faculties (1985), Univ Of Minnesota Press, USA.

DUNCAN, A.R.C., Practical Reason and Morality: a Study of Immanuel Kant's Foundations for the Metaphysics of Morals (1957), Thomas Nelson & Sons, London.

D'OLIVET, Fabre, The Golden Verses of Pythagoras Facsimile Edition, [Louise Redfield Nayan](#) (Translator), (2007) Hermetica Press; USA.

PATON, Herbert James, The Categorical Imperative: A Study in Kant's Moral Philosophy (1963), The Anchor Press, Ltd, Great Britain.

WILLIAMS, T.C., The Concept of the Categorical Imperative (1968), Clarendon Press, London.



E-Book Gratuito
Venda Proibida
Pode ser compartilhado sem fins lucrativos

FRATERNIDADE ROSACRUZ

Centro Autorizado do Rio de Janeiro
Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210
Site: www.christianrosenkreuz.org
E-mail: rosacruzmhrio@gmail.com

Matriz:

THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP

2222 Mission Avenue, Oceanside, CA 92054-2399, USA
www.rosicrucian.com
www.rosicrucianfellowship.org

Editado em 2017